Teoria do self

Os interacionistas compartilham algumas premissas sobre o *self*:

1. processo reflexivo que inclui o fluxo de *consciência subjetivo*, bem como sua percepção do *self* como um ser físico, social e moral;
2. Construído nas relações com outros.

"[Os] indivíduos desenvolvem a capacidade da individualidade reflexiva ao interagir com outrem. É por meio da interação que aprendem a assumir um papel alheio e a perceber a si mesmos como objetos sociais, assim com outros objetos sociais. Além do mais, é pelas interações que os indivíduos experimentam, sustentam e transformam sua percepção relativa a quem eles de fato são. Seu senso de individualidade, então, está intrinsecamente ligado às suas relações com os outros. Ele é tanto um produto social quanto um processo social."

Teoria do self

Self opera como um processo comunicativo.

1. *Self* como um processo de comunicação interna entre o "eu", o sujeito iniciante, e o "mim", sujeito como objeto social.

"À medida que você se vê às voltas com situações diversas, experimenta impulsos para agir, imagina como você e os outros responderiam à ação sobre esses impulsos, concebe ações alternativas e eventualmente resolve o diálogo interno do 'eu' e 'mim' em alguma linha de ação."

2. Diálogo interno: autoindicação ou pensamento.

"Por esse processo, transformamos o mundo externo de 'coisas' em um mundo interno de objetos sociais significativos e, então, construímos uma ponte entre nossas percepções individuais e o mundo social geral."

Teoria do self

Self opera como um processo comunicativo.

3. Percepção mutável e flexível do *self:* "nossas imagens e expressões do *self* estão vinculadas a situações... [o *self*] muda de caráter e expressão à medida que nos inserimos em diferentes contextos e interagimos com diferentes pessoas."

"Ao assumir o papel do outro, aprendemos a definir e a responder a nós mesmos com base nas perspectivas e padrões sociais... Apesar de gostarmos de pensar em nós mesmos como singularmente individuais, os conteúdos de nossas autoimagens contradizem essa crença. Nossas noções sobre quem somos e em que podemos nos tornar são profundamente sociais; elas estão ancoradas nos papéis e identidades que adquirimos por intermédio de nossos relacionamentos."

Definição de situação

“Se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas consequências.” (Thomas, 1923)

“Como membros de uma sociedade, compartilhamos com os outros crenças ou perspectivas comuns e, baseados nessas crenças, chegamos a acordos sobre ‘o que se passa’ em uma determinada situação. Esses acordos, ou definições da situação, nos permitem coordenar nossas ações com os outros e alcançar os objetivos desejados, como dirigir nosso carro com segurança, realizar nosso trabalho de forma eficaz, participar de aulas interessantes ou sair para encontros divertidos. Para fazer qualquer uma dessas coisas, temos que ajustar nossas ações às ações de outras pessoas (mesmo que elas não estejam presentes), e só podemos conseguir isso ao partilhar com elas uma definição comum de situação.” (Sandstrom et al., 2016, p. 219)

Tomada de papéis

Papéis sociais: “obrigações e expectativas se aplicam a nosso comportamento, quando ocupamos um determinado *status* social, em uma situação particular.” (p. 224)

Coordenação das ações:

⇒ *tomada de papéis* (assimilação de papéis): olhamos para nós mesmos e para nossas ações a partir os pontos de vista dos outros;

⇒ *Assumir as perspectivas alheias:* identificar quais papéis estão projetando.

⇒ Papéis não são seguidos como roteiros pré-definidos. São improvisados, inovados (construção de papel).

Tomada de papéis

“Ao nos empenharmos na tomada de papéis, tentamos determinar como os outros definem e experimentam uma situação. Avaliamos o significado de suas ações, tentando calcular quais são seus planos e intenções nessa situação, e que implicações a sua conduta tem para nosso desempenho de papel proposto. Então, nos decidimos sobre um curso de ação com base em nossa interpretação acerca de suas intenções e dos desdobramentos de seu comportamento. Depois de dar início a esse curso de ação e perceber as respostas alheias, podemos descontinuá-lo modifica-lo, postergá-lo, redirecioná-lo, ou segui-lo mais vigorosamente.” (op. cit. p. 225)

Ordem na interação

As pessoas trabalham em conjunto e ajustam seus comportamentos de modo a permitirem que a interação flua sem problemas.

Como as pessoas conseguem alcançar algum grau de cooperação apesar de suas diferenças em termos de perspectivas, objetivos e interesses?
i) reconhecimento de que outros estão presentes e que esses outros representam uma audiência para suas ações;
ii) durante suas interações, tais indivíduos devem construir uma série de papéis compatíveis e inter-relacionados que indiquem que fazem parte de uma mesma situação;
iii) devem criar um foco compartilhado e estabelecer objetivos comuns.

Ordem na interação

Uso da linguagem e a existência de um “passado compartilhado”.

Vocabulário de motivos: fornecem relatos pelos quais podemos corrigir nossos erros, reparar interações rompidas ou restaurar relacionamentos.

i) Desculpas: reconhecemos a validade das expectativas de papel e enfatizamos que o erro não se deve a uma rejeição dessas regras

ii) Justificativas: aceitamos a responsabilidade, mas não entendemos que o erro deveria ser tomado como algo impróprio

iii) Ressalvas: preparação do terreno para que não fiquemos com uma “imagem suja” (“Você sabe que eu não gosto de fofoca, mas...”; você vai ficar furioso com isso, mas você precisa saber...”).

Definição da situação e expectativas emocionais

Regras de sentimento:
"oferecem diretrizes para a interação, e consistem de discernimentos sobre que tipos de emoção são aceitáveis u desejáveis, quem tem o direito de senti-las e expressá-las, e que formas de expressão e demonstração são admissíveis. Em geral, as regras de sentimento nos dizem como se espera que nos sintamos em uma determinada situação, e também como devemos nos sentir nessa mesma situação."

Trabalho emocional: alinhamento das ações às regras de sentimento que operam em uma situação.

"Seja qual for nossa situação, coordenamos nossas ações em relação aos outros com base em regras de sentimento, e geralmente experimentamos, demonstramos e gerimos nossas emoções de acordo com essas regras."

Interacionismo simbólico: desvio

"Ao analisar casos de não-conformidade intencional, as pessoas geralmente perguntam sobre a motivação: por que a pessoa quer fazer a coisa desviante que faz? A pergunta pressupõe que a diferença básica entre os desviantes e os que se conformam reside no caráter de sua motivação. Foram propostas muitas teorias para explicar por que algumas pessoas têm motivações desviantes e outros não... Teorias sociológicas procuram fontes socialmente estruturadas de 'tensão' na sociedade, posições sociais sujeitas a demandas conflitantes, de modo que o indivíduo busca uma maneira ilegítima de resolver os problemas que sua posição lhe apresenta. Mas os pressupostos em que essas abordagens se fundam podem ser inteiramente falsos. Não há razão para se supor que somente aqueles que finalmente cometem um ato desviante têm o impulso de fazê-lo... Em vez de perguntar por que desviantes querem fazer coisas reprovadas, seria melhor que perguntássemos por que as pessoas convencionais não se deixam levar pelos impulsos desviantes que têm." (p. 37)

Interacionismo simbólico: desvio

Desvio é socialmente construído.

"*Grupos sociais criam desvio ao fazer as regras sociais cuja infração constitui desvio*, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como *outsiders*. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um 'infrator'. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal." (p. 22)

Criação e aplicação de regras

Como as regras são feitas e impostas?
Em primeiro lugar, a imposição de uma regra é um empreendimento, ou seja, alguém deve tomar a iniciativa de punir o culpado.

Em segundo lugar, a imposição ocorre quando alguém delata, ou seja, quando alguém leva a infração à atenção do público.

Em terceiro lugar, pessoas delatam quando veem alguma vantagem nisso, ou seja, o interesse pessoal as estimula a tomar a iniciativa.

Finalmente, o interesse pessoal que leva à imposição da regra varia conforme a complexidade da situação em que a imposição tem lugar.

Criação e aplicação de regras

Como os empreendedores morais tentam transformar suas perspectivas e interesses em regras bem definidas?

1. Valores que legitimam tais tentativas;

"Um elemento de um sistema simbólico que serve como um critério ou padrão para a seleção entre alternativas de orientação intrinsecamente abertas numa situação..." (Talcott Parsons)

2. Trabalho de "agitação social", definição de um comportamento como um "problema público";

3. Convencimento dos outros dos méritos de seus pontos de vistas (conversão moral em larga escala).

Criação e aplicação de regras

"O citadino exibe sua reserva mais acentuadamente em áreas públicas anônimas... onde pode sentir que nada do que acontece é responsabilidade sua e que há agentes da lei presentes, com a obrigação de lidar com qualquer coisa extraordinária. O acordo de ignorar infrações de regras repousa em parte no conhecimento de que a imposição pode ser deixada a cargo desses profissionais." (idem, p. 131)

Grau de aplicação varia com o tempo; depende de quem está envolvido e de quem se julga prejudicado, e também do significado das regras violadas.

Fatores contribuem para dar maior visibilidade ao desvio e ao desviante:

i) a presença de especialistas na detecção de desvios em posições de controle e de vigilância;
ii) o pertencimento ou a adesão a certos grupos desacreditados ou oprimidos

Consequência da atribuição

"o *status* de desviante (dependendo do tipo de desvio) é o tipo de *status* principal... Ela será identificada primeiro como desviante, antes que outras identificações sejam feitas." "Tratar uma pessoa como se ela fosse em geral, e não em particular, desviante produz uma profecia autorrealizadora.

Ela põe em movimentos vários mecanismos que conspiram para moldar a pessoa segundo a imagem que os outros têm dela."

Restrição das possibilidades de interação com grupos convencionais: "o tratamento dos desviantes lhes nega os meios comuns de levar adiante as rotinas da vida cotidiana acessíveis à maioria das pessoas." (idem, pp. 44-5)

Reações à rotulação

Estratégias de gerenciamento do desvio ou de negação do desvio
"Um atributo de descrédito, ou marca de desgraça, que leva os outros a nos ver como indignos de confiança, incompetentes ou corrompidos."

1. Normalização ("passar despercebido"; acobertamento; isolamento);

2. Neutralização
2a. Negação da responsabilidade;
2b. Negação do dano;
2c. Negação da vítima;
2d. Condenação dos condenadores;
2e. Apelo a laços superiores;
2f. Declaração de normalidade;

Reações à rotulação

Estratégias de gerenciamento do desvio ou de negação do desvio
"Um atributo de descrédito, ou marca de desgraça, que leva os outros a nos ver como indignos de confiança, incompetentes ou corrompidos."

3. Desestigmatização:

3a. Purificação;
3b. Transcendência;
3c. Distanciamento.